

## **AOS MESTRES E MESTRAS DE PÉS DESCALÇOS**

### **- Cultura Popular é Tradição Viva !**

Sobre tambores, festas, rituais, artes, resistência e educação  
Ensaio de Felipe Ruído



Dedico essa caminhada nas palavras  
aos mestres e mestras de pés descalços :

principalmente  
Lela Severino,  
mestre Afonso  
e Raquel Trindade

aos ancestrais e forças dessa terra,  
onde nasci e vivo.  
aos meus ancestrais,  
à minha mãe Maria Luiza,  
meu pai Domingos  
e meu filho Juan

às minhas famílias,  
de sangue  
e de sintonia

Ao Caboclo Tupinambá  
e toda a sua família,  
corrente de libertação,  
à mãe Claudia Alexandre  
e aos Luis Alexandre, pai e vô

a toda a família Mucambos  
e tod@s irmãos e irmãs  
de batucadas

ao orientador Arthur Iraçu  
e as leitoras convidadas,  
Clarissa Suzuki  
e Ana Nascimento

e a tod@s que  
me acompanharam  
nessa trilha

Axé

## ABERTURA

**Mestres de pés descalços** é um termo de várias interpretações, que trago aqui me referindo aos mestres não-letrados, sem estudo formal ou erudito, mas também 'aqueles que, independente de seus estudos, tem a sabedoria de andar descalços quando convém se conectar com energias da terra, ou de pisar a terra para aplainá-la, fazer chão, dançando e cantando, entre outros significados que vamos ver que vão se conectando. É metáfora para uma forma de ser. Conectar-se com a terra, além de receber a energia telúrica e descarregar energias, nos dá mais consciência de nossos corpos ( físicos e extra-físicos ), proporcionando equilíbrio e cura.

O título cria uma expectativa de que eu escreva com ênfase em alguns mestres e mestras, mas já aviso que escrevo aqui mais sobre as culturas que eles produzem, as chamadas Culturas Populares, do que sobre eles mesmos. O título é uma oferenda, um oferecimento, "Aos...".

A ideia é abordar os aspectos de resistência, simbologias e sincretismo, a partir de minhas vivências e estudos, chamando para um diálogo sobre como essas culturas se transformam e se mantêm através dos tempos, como "Tradições vivas" <sup>\*1</sup> .

Citando o termo **Tradição Viva**, que é título do importante texto de Hampaté Bâ, filósofo africano, malinês, escrevo um pouco sobre essa inspiradora obra. Esse texto criou tanta identificação e aberturas na mente, minha e de alunos e alunas companheiras do curso, que virou tema de grupo de estudos nosso, Tradivivas, durante meses. Nele o filósofo trata principalmente da Cultura Oral e testemunha sobre o processo de colonização na África, com um olhar atento ao conflito entre a cultura escrita, seja árabe ou europeia, com as tradições orais locais. De forma conscientemente paradoxal, escreve, sem negar a importância da escrita, sobre a importância da oralidade, como fundamental mantenedora de tradições nas sociedades do Mali. Atividades como a forja do ferro, a tecelagem, a cosmologia, a medicina e principalmente a história, são mantidas vivas nesta região através dos Djelis, anciãos guardiões das culturas, mais conhecidos como Griots, e do qual a tradução é sangue, justamente por serem como grandes árvores baobás através das quais o conhecimento e sabedoria fluem de geração para geração como sangue-seiva, como rios.

Esse ensaio é semente de um livreto, é um texto que terá complementos para outra publicação, e apresento agora como TCC, da pós-graduação Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas para a Educação, n´A Casa Tombada.

### Palavras chave

cultura popular – afro-indígena-brasileira – tambor –  
simbologias - artes - resistência – educação

---

\*1

HAMPATÉ BÂ A. , A tradição viva. In: História Geral da África – Metodologia e pré-história. São Paulo: Ática, Paris: UNESCO, 1982.

## **. Sobre os batuques afro-indígena-brasileiros**

“ No som dos meus tambores eu ouvi  
a voz de Deus, a voz de meus avós  
Meu corpo arrepiou quando entendi  
que o couro ecoa dentro de nós ”

Autor desconhecido,  
citada como possivelmente de Lenis Rino  
( Trovão de Minas )

Lembremos que nessas terras, quando portugueses colonizadores chegaram, e depois os africanos também, escravizados e trazidos por aqueles, já haviam os povos indígenas nativos, em suas mais de 300 etnias. Foram inclusive os primeiros povos aqui escravizados. Já existiam aqui há milênios e são as raízes mais profundas nesse solo da Cultura Brasileira.

Ao falarmos de música percussiva, mais especificamente o tambor, na cultura nativa, o conhecimento de sua existência chega pouco aos pesquisadores, imagine ao grande público então. Há indicações de que existiu e existe amplamente, e eu mesmo, grande interessado no assunto, até essa pesquisa pensava que não havia muito tambor entre os indígenas brasileiros, até ver texto de Marcia Kambeba Wayna.

Por vivenciar mais as culturas afro-brasileiras, vou dar aqui muito mais espaço a elas, mas quero frisar que fica essa lacuna para pesquisas complementares quanto a cultura indígena e sua influência na Cultura Popular, em especial na percussão. A presença que mais se espalhou, falando de percussão a partir dessa raiz, não foram os tambores, mas o Maracá (espécie de chocalho), que é importante instrumento ritualístico, e a percussão com as batidas dos pés, os dois muito presentes nos Torés, dança ritualística presente em diversas etnias. Falando da expressão sonora em geral, há uma enorme variedade de instrumentos de sopro e as cantorias, entre outros, além dos assimilados de outras culturas, como rabeca, violão, etc.

Essas culturas influenciaram intensamente a música da Cultura Popular, em muitas de suas manifestações, ajudando a lhe dar forma. Um pequeno exemplo e indício dessa influência, falando em tambor, é a palavra de origem indígena guarani Maracatu ( maraca = tambor ou instrumento, e tu = batida, ver SELLARS, Christopher ), que nomeia essa manifestação da Cultura Popular Brasileira, que explicarei mais adiante, e outro exemplo, a palavra Curimba, que nomeia a parte musical dos terreiros de Umbanda com seus atabaques, vindo de “curimbó”, que significa tambor em tupi-guarani e também nomeia um ritmo e festejo popular caboclo, o Carimbó ( ver dicionariotupiguarani ).

Ainda o termo Caboclo, que se refere aos indígenas miscigenados, e também as entidades espíritos desencarnados, incorporados por mediuns na Umbanda, que muitas vezes estão em postos altos na hierarquia dos terreiros evidenciando a mistura étnica e a valorização da cultura indígena nesse culto, mostrando que não é apenas afro-brasileiro, mas afro-indígena-brasileiro.

Já a cultura africana, é muito marcada pela percussão, pelos diversos tambores e outros instrumentos, além das danças, cantos, adereços, enfim, todo o conjunto ritualístico e festivo que se fez presente aqui amplamente, sendo responsável por grande parte da identidade cultural brasileira, que é uma cultura muito afro, até porque o Brasil é o país com mais afrodescendentes fora da África, no mundo.

O recorte que faço nesse texto, enfatizando a música percussiva, é apenas uma forma de focar mais o assunto da Cultura Popular em uma de suas mais fortes características, a qual sou bastante ligado, no entanto essa parte não funciona e não existe sem as demais partes.

O que se diz aqui abaixo serve também para a cultura Afro-indígena-brasileira desde suas raízes, e mundo a fora, às culturas ditas "tribais", ou "primitivas", termo que faz sentido pra mim só quanto à serem as "primeiras".

" No universo tradicional africano, as máscaras não se constituem apenas de um "rosto" ou de uma "cabeça" esculpida. Na verdade, para as populações de onde se origina, a máscara é o "mascarado" que a veste e a "dança". O que chamamos "máscara africana" é apenas uma parte dela, aquilo que, nas coleções e museus, conseguiu-se preservar de um "Conjunto multimídia da máscara".

Ola Balogun, em Museu Afro Brasil

No maracatu usamos às vezes o termo "vestir o tambor", ou "vestir o bombo" ( termo usado, por exemplo, pelo amigo Adalcir Vieira, o Índio, do maracatu Mucambos, que participo ), que traz a ideia dessa dimensão bem maior do que apenas tocar um instrumento musical.

Nesse sentido, importante lembrar do tambor enquanto instrumento xamânico e ritualístico em diversas culturas, com seu poder evocativo da ancestralidade, bem como sua simbologia de "árvore entre mundos", veículo entre mundos, cavalo.

Isso me faz lembrar de uma fala de Éder Rocha, percussionista, ex-membro da lendária banda Mestre Ambrósio, em oficina do coletivo Ponto BR, na ECA-USP, que disse que quando tocamos tambor chamamos nossos ancestrais, e isso não significa necessariamente os africanos, mas sim os ancestrais de cada um, ou mesmo ancestrais dessa terra, o que podemos entender como vestir a ancestralidade ou trazer essa presença em nós.

Falando novamente sobre a vinda dos africanos raptados ao Brasil, a chamada trajetória da diáspora africana, que ocorreu para diversos outros países também, as tradições foram aqui se misturando e sendo recriadas inicialmente nas senzalas, dando início nessas terras à uma primeira batucada em comum, que é chamada de Lundu, semelhante ao Batuque de Umbigada, e é tido como o ancestral do Samba. O Lundu já trazia a mistura não só entre as culturas afro, mas também européias, incorporando às vezes bandolim e pessoas brancas às rodas, entre outras características de sincretismo. A palavra samba ( vindo da palavra semba, que é roda de música e dança em Angola, mais antiga ) nomeia diversos outros ritmos na Cultura Popular em nomes compostos, como Samba de Coco, sambada de Cavalo Marinho, sambada de Maracatu, etc. ( FRAGA, Walter e DE ALBUQUERQUE, Wlamyra R. ) Há quem diga que semba significa umbigo ou umbigada, daí a relação com essa outra dança afro-brasileira, a Umbigada ( carece de fontes ).

Semelhante fenômeno aconteceu na religião com diversas divindades do continente Africano, citando aqui um recorte da influência da cultura Yorubá, apenas uma parte das muitas que vieram, mas talvez a mais influente na cultura brasileira, e aqui estas divindades se harmonizaram e formaram o que é chamado de Xirê, o círculo de união

dos diversos Orixás ( Forças da Natureza sagradas e antropomorfizadas, para resumir muito ) em um mesmo ritual, o que antes não acontecia, sendo que cada Orixá era cultuado em diferentes países ou cidades.

Entre as religiões afro-brasileiras que se formaram as mais conhecidas são o Candomblé e a Umbanda, mas há muitas outras, como o Xangô e Jurema ( esta mais cabocla ) em Pernambuco, o Tambor de Mina no Maranhão, os Batuques do sul do país, etc, e toda esta religiosidade está muito ligada aos folguedos ou brinquedos, seu lado mais "profano".

Resultado de sua grande força, estas religiões resistiram ao tempo graças ao diálogo com outras culturas e matrizes, o chamado sincretismo, com o catolicismo europeu e as pajelanças ( xamanismos ) indígenas, ainda que mantendo características singularmente afro.

### **. A importância da ancestralidade, dos antepassados**

Por via das culturas afro que aportaram no Brasil, a cultura Bantu, do Congo e Angola, é a que tem sua religiosidade mais centrada nos ancestrais, os mortos que trazem a força de sustentação para a vida do povo. Essa cultura teve grande importância e influência nas demais culturas afro que aqui se formaram, o que podemos perceber até pela importância dos Pretos Velhos na Umbanda. Abaixo, uma descrição de sua cosmologia, que é representada também pelo assim chamado Cosmograma Bakongo.

Nesse cosmograma, da cultura tradicional do Kongo, o universo é representado por uma circunferência dividida em duas partes iguais que se influenciam reciprocamente: o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Entre eles há um rio, Calunga. O mar, a metade de baixo, é chamado de Calunga Grande. Sua travessia, no navio negreiro, equivalia já à entrada no mundo dos mortos, aonde só o poder dos ancestrais, evocados pelo som dos tambores, permitiria ao escravizado encontrar forças para sobreviver.

Ressignificado de formas semelhantes, nas culturas africanas de diferentes matrizes, o mundo dos mortos representado pelos ancestrais, se tornou poder de sustentar a vida. ( ver links Museu Afro Brasil e terreirodegriots )

“ Os Bantus já eram uma nação em África e sempre tentaram através da história do Brasil e das Américas estabelecer nações onde estavam. Que sejam nações territoriais, que sejam míticas, que sejam pessoais. ”

Beatriz Nascimento, filme-documentário Orí

Neste documentário, Beatriz fala também sobre o termo Nação de Maracatu, realacionando a esse conceito Bantu citado, e a ideia de Quilombo, espaço de resistência, e associa ao carnaval, com o exemplo marcante da Escola de Samba Quilombo, fundada por Candeia.

### **. Sobre o sincretismo**

É importante ressaltar que já acontecia desde o continente africano, havendo lá também um histórico de catolicismo negro, mas também influências Árabes e

muçulmanas se misturavam as culturas locais, tanto na Europa dos portugueses, por sua vez colonizados pelos mouros, quanto em África nas conquistas e explorações pelos Berberes.

Em muitas das festas da cultura popular brasileira, como no Maracatu e nas Congadas, é forte a presença de elementos da corte portuguesa, do período colonial. Festejos que inicialmente eram "oportunidades" oferecidas pelos colonizadores aos africanos escravizados para celebrarem suas tradições e manterem suas identidades culturais. Aconteciam em forma de cortejos, nas ruas, pelos povoados e vilas, em determinados dias do ano. Eram espetáculos itinerantes, com música, dança, personagens, dramaticidade, estandartes, vassallos, palios e muitas roupas à moda colonial, como ainda hoje muitos se apresentam.

Porém, junto a tudo isso, também vinham ( e continuam vindo ) guardiões ( lanceiros ), Orixás (reis coroados ), forças totêmicas das Nações – Impérios Africanos ( Leão, Elefante, Tigre ), e a ancestralidade, nos tambores, ao mesmo tempo árvores e cavalos, oferendas, agradecimentos, abrindo caminhos, conectando e amplificando corações à Terra, renovando e revivendo as velhas tradições, trazendo a força da presença, ocupando o espaço, dando as forças para continuar a luta do dia a dia.

A festa de Nossa Senhora do Rosário é também um exemplo dessas celebrações. Nela, dois escravizados eram eleitos rei e rainha do Congo e seguiam com seu cortejo festivo até a igreja onde eram coroados, ao som do batuque.

Pegando como ponto de análise, se há nestes folguedos letras de músicas que homenageiam e exaltam pessoas da corte e cargos políticos diversos, há também algumas, que exaltam líderes populares ou trazem protestos e críticas.

" Viva viva a liberdade  
cativeiro acabou  
mas ainda falta igualdade  
de negro para o senhor

Cem anos de abolição  
não pude comemorar  
cadê a libertação  
que a lei áurea ficou de me dar ? "

trecho de Congada, terno de Moçambique Negros do Rosário,  
de Oliveira - MG

" No período da escravidão no Brasil, os escravos não podiam andar calçados. Essa era uma forma utilizada para tentar diferenciar o escravo do negro liberto".

Museu Afro Brasil

Está aí mais uma associação ao termo "mestres de pés-descalços".

Minha conclusão, em síntese:

O sincretismo é uma via de mão dupla  
entre a colonização e a resistência.

E isso não significa que o sincretismo seja sempre uma tática ou algo forçado. Muitas vezes é um diálogo natural e fonte de fé que se torna forma de viver.

Houve épocas que essa liberdade de expressão não foi possível, já que até **o ato de batucar tambores era proibido.**

“ - Tivemos denúncia de que tem samba nessa macumba ! ”

diz em trecho do livro escrito por Candeia e Isnard, Escola de Samba – árvore que esqueceu a raiz, narrando uma história, um caso verídico, que cita essa frase dos policiais que abordaram um terreiro, em tempos em que o samba era proibido, ainda mais que a “macumba”, termo usado ( geralmente pejorativamente, só não quando usado por seus próprios praticantes) para a Umbanda, Candomblé, e outras religiões afro-brasileiras, proibida também em outras épocas, por intolerância religiosa.

**E assim vou terminando esse ensaio,  
por conta de uma outra dura realidade: a falta de tempo.**

**São tempos difíceis para a cultura, estou até numa fase de ter que me afastar do maracatu, mesmo que seja aos fins de semana, focando na busca do meu sustento enquanto arte educador e artista visual.**

**Mas sigo firme na Umbanda, no axé.**

**A cultura resistirá sempre ! Resistiremos !**

**Leia até o fim...**

**trago informações sobre mestres e mestra e mais uma arte lá no final, na contra-capá, em homenagem.**

Alguns assuntos sobre os quais já esbocei, virão depois, com a versão mais completa do livreto a ser publicado, versão impressa:

## **Um pouco mais sobre o Maracatu**

### **Os maracatus tradicionais**

Alguns destaques do maracatu, vou trazer o histórico de três maracatus Nação que tenho maior afinidade, para ficarem como exemplos e também do maracatu que participo.

**Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassú**

**Maracatu Nação Leão Coroado**

**Maracatu Nação Kambinda, de Raquel Trindade**

**Maracatu Mucambos de Raiz Nagô, do qual faço parte**

**A relação do Maracatu com o Movimento Manguebit**

## **A Umbanda de Tupinambá e os batuques de terreiro**

### **o Côco de Roda, ou Samba de Côco,**

os bairros Guadalupe, Amaro Branco e Amparo, em Olinda – PE,  
os côcos em São Paulo, o côco da Batata

Quebra a corrente, quebra a corrente  
daqui pra frente vai ser diferente  
Quebra a corrente, quebra a corrente  
Liberdade pro corpo, pra alma e pra mente

( parte de um côco que escrevi )

Aqui, uma colcha de retalhos,  
ou um des-quebra-cabeça de citações...

**“ Uma árvore é antiga, tradicional ou contemporânea ? ”**

Benjamim Taubkin, pianista e maestro,  
em documentario do grupo Bongar

**“ Minha universidade é o tempo ”**

Pai Euclides Talabyan, da Casa Fanti-ashanti do Maranhão,  
no documentário multimidia “Pedra da Memória”, por Renata Amaral

**“ Minha evolução é retroativa. Acredito que só vamos evoluir  
quando chegar às nossas raízes ”.**

mestre Afonso, Maracatu Nação Leão Coroado

**– Cultura Popular é Tradição Viva !**

“ - A casa de tia Biu era um marco, né ? Uma coisa que a gente não passava sem vim aqui, não tinha como não vim. Até hoje eu todo dia venho aqui. Tô com sessenta e três anos e todo dia venho aqui. Mas essas crianças foram criada aqui, na rua, né ? Assim mesmo na rua, e tinha... elas foram aprendendo... no que nós fomos aprendendo, eles foram aprendendo. Que os nossos antepassados não diziam assim “ - Sente aqui pra eu lhe ensinar ” não, eles diziam “ - Venham, participem que vocês aprendem ”.

Tio Maurício, Padrinho do Terreiro Xambá, em Pernambuco,  
em documentario Festa de Terreiro, do grupo musical (de côco) Bongar

“ Era um caminho, quase sem pegadas  
onde tantas madrugadas,  
folhas serenaram...  
Ah se eu pudesse, só por um segundo,  
rever os portões do mundo,  
que os avós criaram ”

Vale do Jucá, Siba e a Fuloresta

“ A roda, o giro, o xirê, a gira... Nossos círculos ancestrais que nos religam aos princípios e fundamentos da vida em todos os planos e níveis. Caminhamos os passos já caminhados pelos mais velhos, evocamos os cantos herdados e preservados nas histórias que os mitos narram.

**É o Tempo que nos convoca para transformarmos o agora ” .**

Sesc Pompéia, evento Gritem-me Negra !

“a educação é fundamental para a nossa luta. A sabedoria é a educação. Evoluir não significa largar o seu passado e a sua tradição.”

“A vida é a água, a terra e o sol. O capitalismo é falido. A gente só quer o suficiente que Deus nos deu. Não devemos viver no tempo da loucura”.

Glicéria, professora indígena Tupinambá

#### **PRA FINALIZAR ( de novo) ...**

Loa que tocamos em diversos encontros de maracatu, em vários grupos, é marcante e emocionante. Remete muito aos Pretos Velhos, entidades da Umbanda, tocada no Maracatu faz a ponte sagrado-profano com os terreiros.

“

A volta que eu dei  
serviu pra ver o tamanho desse mar  
Dê força velho, pra caminhar  
Dê força velho para ver o seu olhar

A volta que eu dei  
serviu pra ver o tamanho desse mar  
Dê força velho, pra caminhar  
Dê força velho para ver o seu olhar

“

Autor desconhecido,  
citada como possivelmente de Lenis Rino  
(ver Trovão de Minas )

Adendos...

## Lela Severino

E a arte da contra-capa desse texto (veja lá no final ), Lela São Jorge

Esse desenho vem como homenagem ` a Lela Severino, artista visual, escultora, professora, modelo vivo, da qual fui aluno. Falecida há três anos, Lela teve extensa carreira como modelo vivo, inspirando muitos grandes artistas e marcando forte e expressiva presença negra nas artes, seja como modelo, como artista, professora ou pessoa. Tivemos breve mas saudosa amizade, de alguns anos.

Essa imagem \*2, plena de significados, traz a mulher como São Jorge, que é sincretizado com Ogum, e nua, remetendo aos paganismos, e senhora negra, com toda sua força e expressividade. Qual dragão será que ela está matando ali ?

Em uma sessão de desenho de modelo vivo, ela falou : " - Essa é pra você ! ", e posou, assim surgiu essa imagem. Depois ela disse : " - É São Jorge ! ", e eu respondi : " - Sim ! Eu entendi ! Muito bom ! Agradeço muito, Lela " .

Mexi um pouco no desenho original, deixando suas linhas vermelhas, remetendo assim também ao sangue, por onde corre ferro em nossas veias, Ogum mais uma vez, o orixá do ferro, mas também Exú, por ser vermelho, e a fluidez com que o senhor dos caminhos se movimenta.

Sangue que podemos associar aos já citados Djelis, nome original dos chamados Griots, e que significa sangue, por serem estes sábios anciãos africanos quem dá a fluidez da continuidade da vida através da cultura que transmitem, de geração em geração.

Por fim... o sangue da fertilidade das mulheres, que geram a vida, mas também o sangue derramado em tantas batalhas, cruzadas, massacres, feminicídios e etnocídios que não podemos esquecer.

Lela com seu jeito simples foi mulher guerreira e grande mestra.  
Que esteja em muita paz e luz.

" Nascida em 26 de fevereiro de 1950, em Valparaíso, interior do Estado de São Paulo, Lela foi bóia-fria em sua terra natal e, em São Paulo, atuou como manequim e em sessões de modelo vivo para alguns dos principais artistas do país. Foi no Liceu de Artes e Ofícios que conseguiu uma bolsa para freqüentar as aulas de escultura e, três meses depois, já tinha um trabalho premiado ".

( galeriagarage )

---

\*2

Essa arte foi também usada na divulgação do Sarau Pra Tombá, na Casa Tombada, em 19.08. 2017, onde expus uma pequena seleção de desenhos que fiz com Lela, que chamei de "Lela Árvore", exposição que ainda será melhor exibida.

## **Mestre Afonso,**

do Maracatu Nação Leão Coroado, faleceu em 15.04.2018, misteriosamente no mesmo dia e ano em que faleceu Raquel Trindade, do Maracatu Nação Kambinda.

Dois mestres que tive a honra de conhecer pessoalmente e que muito me influenciaram, mais à distância do que por convívio, que foi muito pouco. Porém os poucos encontros foram como bençãos de tanta simplicidade, humildade e luz de sabedoria que estes mestre e mestra emanavam.

Mestre Afonso, conheci pessoalmente no Jabaquara em São Paulo, justo no primeiro ensaio que participei como membro do maracatu Mucambos, em 2013. Anos depois, tive a honra de participar de uma tocada no Sesc Santo Amaro com ele, alguns integrantes da Nação Leão Coroado e do maracatu Mucambos. Fiz um desenho inspirado em sua simplicidade e luz, como homenagem, que fica aqui como capa e despedida.

## **Raquel Trindade**

Perdoem não escrever essa parte com minhas palavras por enquanto, é a falta de tempo.

“ A Rainha Kambinda não está mais entre nós e deixou todos nós órfãos de sua sabedoria e energia. A escritora, folclorista, artista plástica e guardiã do conhecimento artístico e cultural no Brasil Raquel Trindade faleceu aos 81 anos no domingo (15). Filha do poeta Solano Trindade, a intelectual seguiu os passos do pai e fez de Embu das Artes, cidade situada a menos de 30 km de São Paulo, reduto e o ponto de partida para propagar a sua arte para longe - muito além da capital paulista, inclusive. O Brasil tornou-se ateliê, palco e base para a criação da obra literária. Ao lado de seu pai, no início dos anos 1950, ela fundou o TPB (Teatro Popular Brasileiro). Após a morte de Solano, o “poeta do povo”, ela criou o Teatro Popular Solano Trindade em sua homenagem.

### **O legado**

Se o seu conhecimento e sabedoria serviram como fontes de inspiração para diversos artistas, a sua dedicação e amor pela cultura afro-brasileira foram - e serão - vetores para o ativismo artístico em Embu das Artes, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, sua cidade natal, e em todas as regiões do Brasil.

“ ... ela tornou-se professora na Unicamp e na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), onde foi responsável pela criação do curso de extensão Identidade Cultural Afro-Brasileira. Além disso, foi fundadora também da Nação Kambinda de Maracatu.

“ ... ordens de méritos, láureas e títulos de cátedras não dão a dimensão da vida e da obra de Raquel Trindade. Mais do que ser intelectual, ela mostrou que o povo afro-brasileiro pode - e deve - ter orgulho de sua ancestralidade e de sua produção cultural. Mais do que isso: tem todo o direito de resistir e combater o racismo, inclusive em âmbito cultural.

Raquel Trindade pode não estar mais presente entre nós. Mas o seu legado estará eternamente por aqui “.

( EUGÊNIO Jr., Amauri)

## Referências bibliográficas

---

A Coroa Do Leão, documentário

Maracatu Nação Leão Coroado, Mestre Afonso

Direção: Mateus Sá / Diego Di Niglio

Aquí estamos, no estamos extintos. Somos Tupinambá, documentário

Babatunde Olatunji, O Tambor, em livre tradução de Felipe Ruído

[www.feliperuido.com/textos](http://www.feliperuido.com/textos)

Bongar - Festa de Terreiro – Quando a Memória faz a Festa, DVD e youtube

CANDEIA, e Isnard - Escola de Samba – árvore que esqueceu a raiz

Coletivo Ponto BR

<http://ponto.mus.br>

COSTA, Haroldo – É HOJE ! As Escolas de LAN

DE ALBUQUERQUE, Wlamyra R . e FRAGA, Walter – Uma História da Cultura Afro-Brasileira.

Dicionário Tupi-guarani, website, termo “curimbó”.

<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/curimbo>

D'SALETE, Marcelo – Angola Janga

EUGÊNIO Jr., Amauri , Site Alma Negra - <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/o- legado-de-raquel-trindade-na-construcao-da-identidade-afro-brasileira-5>

FUSCALDO, Arthur Iraçu Amaral, RO'WAPARI'NHO'RE: Sonhar e Pegar Cantos no Xamanismo A'uwé – Xavante

JR. , Luis Alexandre – Pyara Tupinambá – Aquele que busca e traz o caminho

O Retorno da Terra – Tupinambá, 25 minutos

documentário dirigido por Daniela Alarcon e Fernanda Ligabue

<https://retornodaterra.reporterbrasil.org.br>

<http://biblioo.info/o-retorno-da-terra-tupinamba>

Ori (Raquel Gerber, 1989), filme documentário

Maracatu – significado – etimologia

<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/maracatu/>

[https://www.academia.edu/20833063/MARACATU\\_ORIGIN\\_AND\\_ETYMOLOGY](https://www.academia.edu/20833063/MARACATU_ORIGIN_AND_ETYMOLOGY)

Montoya, Antonio Luiz de – Tesoro de la Lengua Guarani, 1639

Museu Afro Brasil - roteiros – por equipe do educativo do  
[museuwww.museuafrobrasil.org.br](http://museuwww.museuafrobrasil.org.br)

RIVAS, Maria Elise Machado – O Mito de Origem, Uma revisão do ethos umbandista no  
discurso histórico

SELLARS, Christopher – MARACATU – ORIGIN AND ETYMOLOGY  
[https://www.academia.edu/20833063/MARACATU\\_ORIGIN\\_AND\\_ETYMOLOGY](https://www.academia.edu/20833063/MARACATU_ORIGIN_AND_ETYMOLOGY)

Sesc Pompéia, evento Gritem-me Negra !  
[https://www.sescsp.org.br/programacao/171951\\_RELIGIOSIDADE?  
fbclid=IwAR1Vh\\_3hFgD2UWXpRz6CR7BQ-yjm07AsX2TqGsVNz2FONVYzyy2fvuN0GRM](https://www.sescsp.org.br/programacao/171951_RELIGIOSIDADE?fbclid=IwAR1Vh_3hFgD2UWXpRz6CR7BQ-yjm07AsX2TqGsVNz2FONVYzyy2fvuN0GRM)

Trovão de Minas  
[blogdotrovaodasminas.blogspot.com/p/nossas-loas\\_5.html](http://blogdotrovaodasminas.blogspot.com/p/nossas-loas_5.html)

Wayna, Marcia Kambeba - artigo  
O tambor como elemento de afirmação da cultura indígena  
<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/4850967>

